

170 Anos do Real Gabinete Português de Leitura

As instituições, ao contrário dos Homens, não têm um ciclo existencial definido e certo.

Podem somar os anos – e manter o vigor genesíaco da juventude; podem sentir o peso da História – e não perder a capacidade criadora da realização; podem cumprir percursos longos e difíceis – e não mostrar cansaços nem esgotar conteúdos; podem ir além e conquistar o inimaginável – e não se despojarem jamais do sonho.

É o caso do Real Gabinete Português de Leitura, que hoje está a completar 170 anos de existência.

Várias gerações passaram desde aquele 14 de maio de 1837, quando 43 portugueses resolveram fundar uma entidade que se propunha adquirir livros de instrução geral, com a finalidade de os emprestar aos jovens imigrantes que chegavam ao Rio de Janeiro com poucas letras, e ainda “coligir as obras e manuscritos de mérito na Língua Portuguesa em homenagem à Pátria onde nasceram e como serviço ao País que os acolheu” – para usarmos as palavras da ata dos pioneiros.

Vieram os desafios; mudaram as condições; caiu o Império; foi proclamada a República; ganharam-se raízes e modificaram-se os cenários; os tetos de maceira e os silhares em azulejo azul da primeira sede deram lugar à fachada de pedra de liós e às mísulas que sustentam as estátuas de Camões, de Vasco da Gama, de Pedro Álvares Cabral e do Infante D. Henrique – e ao final de cada ciclo de sua história o Real Gabinete contava mais anos de existência, mais feitos e mais glórias, mais investimentos e mais doações, mas não se ressentia das vicissitudes, nem dava sinais de fraqueza perante as dificuldades. Tampouco considerava cumprida a sua missão mitica e patriótica.

Pelo contrário: depois dos fundadores, com o Dr. José Marcelino da Rocha Cabral na presidência, vieram os “varões prestantes” dos anos 80 do século XIX, com Eduardo Lemos, Ramalho Ortigão e tantos outros que se lançaram apaixonadamente à construção deste edifício-sede: seguiu-se uma pléiade de Homens que estiveram à frente do Real Gabinete durante a 1ª metade do século XX, de Ramiz Galvão a Carlos Malheiro Dias, de João do Rio a

Jaime Cortesão, esses no plano intelectual; e de Albino Sousa Cruz ao Conde Dias Garcia, de Francisco Garcia Saraiva aos muitos que em 1922, no clima das comemorações do centenário da Independência do Brasil, ofereceram ao Real Gabinete o “altar da Pátria”, que, em marfim e prata, evoca para sempre a epopéia dos Descobrimentos.

Por mercê de Deus e empenho dos Homens, as diversas fases existenciais do Real Gabinete não interromperam a sua vocação de grandeza, nem afetaram a sua pujança. E ao comemormos, hoje, os 170 anos, sentimo-lo, nas vibrações e na determinação, como aquele atleta olímpico que depois de vencer a maratona nem reparava na linha de chegada ou sentia a coroa de arminho da vitória – e dizia: ainda há caminho para andar.

Se as dificuldades e as resistências jamais quebraram o ânimo dos que acreditam no seu destino, também os sucessos e o gosto de sentir nas mãos o fruto maduro do sucesso não nos deve amortecer o ímpeto criador e a vontade arrebatadora de ir além da Taprobana, como os navegadores de Sagres.

Que seja assim por outros 170 anos.

Minhas Senhoras e meus Senhores.

Pedimos a dois Mestres insignes para fazerem a saudação ao Real Gabinete Português de Leitura. De Portugal, recebemos o Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, cuja obra e cujo magistério, desde a Universidade de Coimbra à Casa de Camilo, em São Miguel de Seide, são dos mais admiráveis e fecundos. A esta Casa, quantos serviços nos prestou! Poderíamos referir o seu labor na edição “fac-similada” do “Amor de Perdição”, juntamente com o Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, da Universidade Federal Fluminense; ou então a defesa, nos foros competentes, da manutenção do estatuto do “depósito legal” concedido ao Real Gabinete em 1935, e que, a certa altura, esteve ameaçado de se extinguir, mas que continuou, graças às diligências e pareceres do Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, do poeta e nosso amigo David Mourão Ferreira e do Presidente da Academia de Ciências de Lisboa, Prof. Pina Martins. E assim continuamos a receber de todas as obras editadas em Portugal um exemplar destinado à nossa biblioteca. Se alguém merece de nossa parte homenagens e agradecimento, sem dúvida que o Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, com sua amizade e solicitude, está em primeiro plano.

Pelo Brasil, em louvor ao Real Gabinete, falará o Prof. Doutor Evanildo Bechara, um Mestre que tanto tem enriquecido com seus conhecimentos de lingüista e de gramático o Idioma português.

Pertence há muito aos nossos quadros, dedica-se de corpo e alma, todos os dias, às nossas realizações. É participante de nossos projetos. Entre o

intervalo de uma sessão na Academia Brasileira de Letras e o estudo do vocabulário vernacular; entre uma aula no curso de pós-graduação no Liceu Literário Português e uma palestra no nosso Centro de Estudos, para tudo está disponível o Prof. Doutor Evanildo Bechara, atencioso e sábio, amigo e devoto incansável da lusitanidade.

A ele, e ao Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro, ouvi-los-emos com encantamento e gratidão.

Antes, porém, gostaria de agradecer em nome da diretoria do Real Gabinete a todos os que vieram a este templo camoniano, desde o Sr. Embaixador Antonio Almeida Lima, Cônsul Geral de Portugal no Rio de Janeiro, ao Eng. Luiz Paulo Conde, Secretário de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, representando neste ato o Sr. Governador; da Sub-Prefeita do Centro, Dr. Maria de Lourdes de Almeida Pereira Alves, aos dois ilustres oradores desta noite; dos representantes das associações luso-brasileiras que vieram de outros Estados, de São Paulo e Pernambuco, aos ilustres membros da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Pen Clube, da Fundação Biblioteca Nacional e da Fundação Casa Rui Barbosa; do Museu Histórico Nacional e do Museu de Belas Artes, do Paço Imperial e do Serviço de Documentação da Marinha; de políticos e magistrados, ungidos pela luso-brasilidade, da Biblioteca Municipal e das Universidades; dos Presidentes, diretores e representantes das associações luso-brasileiras e de outras entidades; da Banda Portugal, que já se apresentou, e do coral “Canarinhos de Petrópolis”, que ainda se vai apresentar; dos reitores e professores do Pólo de Pesquisa sobre as Relações Luso-Brasileiras, à Profa. Ângela Telles, responsável pela exposição iconográfica sobre o Real Gabinete que hoje foi inaugurada; dos membros do Conselho Deliberativo e associados; dos nossos funcionários – enfim, de todos aqueles que, por amor a Portugal e ao Brasil, vieram, esta noite, sob o luar do Rio de Janeiro que atravessa a clarabóia policrômica deste salão, olhar ao fundo o busto de Camões e ouvir, entre a magia do infinito, os cânticos da epopéia de um povo.

*Discurso proferido por Antonio Gomes da Costa,
Presidente do Real Gabinete Português de Leitura,
na sessão solene comemorativa dos 170 anos de fundação da instituição:
14 de maio 1837/2007*